Sem lugar para o lixo do luxo

Lixão da Estrutural tem capacidade para mais três anos. DF produz cerca de 2 mil toneladas diárias de dejetos

O Lixão da Estrutural, principal destino dos dejetos e resíduos não tratados do Distrito Federal, está no limite da capacidade. Especialistas do Ibama, de ONGs de proteção ambiental e da própria Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Semarh) afirmam que o aterro terá de ser substituído em, no máximo, três anos. Além de saturado na capacidade de receber o lixo não reciclado ou transformado em substância orgânica, o aterro também é depósito de materiais danosos ao meio ambiente e para as famílias que vivem no Lixão e moram na Vila Estrutural.

Além do grande volume de lixo descartado diariamente pelo brasiliense – cerca de 2 mil toneladas de resíduos domiciliares – outras opções para o destino desses resíduos ainda são pouco utilizadas. Das quase 54 mil toneladas de lixo recolhido por mês, somando com o lixo hospitalar, que é incinerado, apenas 957 toneladas são recicladas depois de passarem pela coleta seletiva, quantidade que não chega a 2% do total coletado.

Nem todo o lixo é depositado na Estrutural. Os depósitos do Gama e de Taguatinga, apesar de estarem no limite, também recebem dejetos. Tudo isso porque as duas usinas de reciclagem e tratamento de lixo do Distrito Federal estão paradas por falta de verba. A Secretaria de Meio Ambiente informou, por meio da sua Assessoria de Imprensa, que o GDF busca reativar as usinas como saída mais urgente para amenizar o problema.

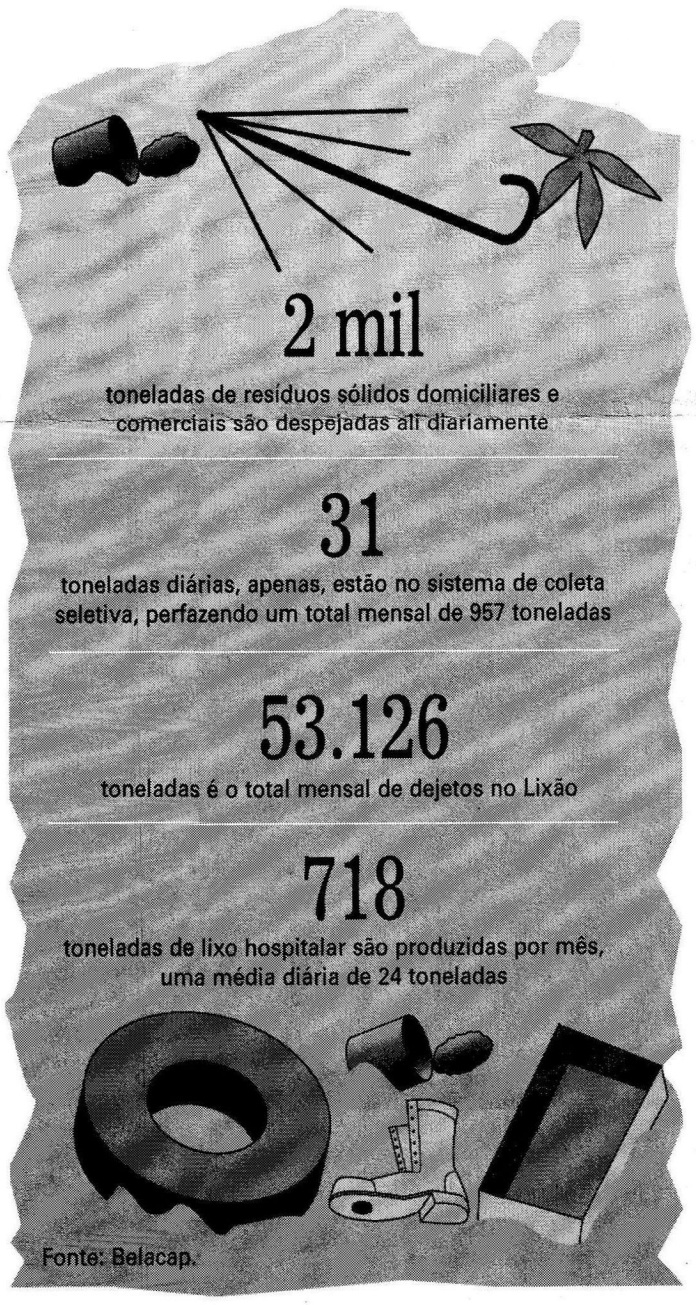
DE MUDANÇA – "Para discutir possibilidades de destino do lixo, não só orgânico como os entulhos, que são proibidos de serem jogados no Lixão e não têm área licenciada para tal, o subsecretário de Meio Ambiente, Cláudio Praça, está em São Paulo para reunião com uma comissão da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABTN)", destaca nota da Semarh. Por causa da deficiência de tratamento do lixo, especialistas acreditam que, em um futuro muito próximo, o Governo do Distrito Federal deverá procurar outro lugar para a construção de um novo aterro sanitário.

Paula Mochel, engenheira florestal do Ibama, afirma que, com o crescimento da Estrutural, fica ainda mais difícil que o Lixão continue por ali. "Existem estudos ambientais para que a Estrutural se torne uma cidade com saneamento básico, vias asfaltadas, escolas, hospitais e toda uma estrutura. Daí, o Lixão terá de ser desativado."

O superintendente do Ibama no Distrito Federal, Francisco Palhares, espera que Semarh proponha logo o estudo de uma nova área de depósito de lixo. "Todos os indicadores posicionam o esgotamento do Lixão. As discussões de oito anos atrás sobre os possíveis danos da Estrutural estão sendo confirmadas agora."

CHEIRO DE PROBLEMA

- O depósito da Estrutural tem nome oficial de Aterro Controlado. Isso porque, segundo o GDF, inclui o tratamento do chorume e dos gases, tem impermeabilização do solo (mantas para evitar a contaminação do lençol freático), recolhimento do chorume e dos gases e encobrimento diário do material sobre o solo.
- O acúmulo de entulhos, entretanto, é responsável pela degradação ambiental do local. Em épocas de chuva, a soda, o calcário e demais poluentes presentes no material são absorvidos pelo lençol freático, contaminando a água subterrânea.
- As 35 mil pessoas que moram nas proximidades têm de conviver com vizinhos um tanto quanto indesejáveis – a montanha malcheirosa de lixo, moscas, ratos e transmissores de inúmeras doenças.



RENATO COSTA/01.06.2000

Além de estar no limite de sua capacidade, o Lixão oferece riscos para as famílias que sobrevivem de catar os dejetos no local

Depósito a céu aberto

O Lixão nunca foi unanimidade entre ambientalistas ou órgãos ambientais. Mesmo antes do esgotamento efetivo da capacidade de armazenar lixo, o aterro da Estrutural causa discussões. Há mais de 20 anos contamina os lençóis freáticos e a afirmação dos especialistas é de que aquilo não é lugar para depósito de lixo.

Ludmila Nascimento Sousa está se formando em Engenharia Florestal e desenvolve um projeto sobre o Lixão. Segundo ela, as reservas do Parque Nacional de Brasília, há 50 metros do Lixão, e a água potável responsável pelo abastecimento de 30% de Brasília proveniente das represas de Santa Maria e Torto, estão comprometidas. "Visitamos os chacareiros que moram ali ao lado e coletamos amostras da água que eles usam para irrigar as plantações. A avaliação mostrou metais pesados e restos fecais na água", diz.

DESEQUILÍBRIO – O Parque Nacional é, aliás, o grande motivo do discurso contra o Lixão e a Estrutural. Com 40 anos de existência e 30 mil hectares, o parque é importante para o equilíbrio ecológico do Distrito Federal. Além de água potável, possui várias espécies da fauna e da flora ameaçadas de extinção.

Para Gustavo Souto Maior, presidente da Associação dos Amigos do Parque Nacional de Brasília (Afam), afiliada do Fórum das ONGs Ambientalistas, o Lixão tem pouco tempo de vida. "Aquilo não é lugar de lixo", assegura. "Primeiro, porque está ao lado da maior unidade de conservação do DF. Depois, não atende às especificações técnicas de um aterro. Assim, o Lixão é só um depósito de lixo a céu aberto."

"Existem estudos ambientais para que a Estrutural se torne uma cidade com saneamento básico, vias asfaltadas, escolas, hospitais e toda uma estrutura. Daí, o Lixão terá de ser desativado"

Paula Mochel, engenheira do Ibama

"Todos os indicadores indicam o esgotamento do Lixão. As discussões de oito anos atrás sobre os possíveis danos da Estrutural e do aterro estão sendo confirmadas agora"

Francisco Palhares, superintendente do Ibama no Distrito Federal

"Aquilo não é lugar de lixo. Primeiro, porque está ao lado da maior unidade de conservação do DF, depois porque não atende às especificações técnicas para ser um aterro"

Gustavo Souto Maior, presidente da Associação dos Amigos do Parque Nacional de Brasília